

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## GÓRGIAS E EURÍPIDES, EM TORNO DE HELENA E DO TRÁGICO

Luís Felipe Bellintani Ribeiro  
UFF

---

RESUMO: A partir da observação da personagem Helena em Górgias (*Elogio de Helena*) e Eurípides (*Helena, As Troianas*) é possível voltar à categoria do “trágico” e pensá-la nos quadros da sofística, última figura do pensamento pré-socrático. Górgias confessa ao leitor que seu *Elogio* é um *paígnion*, um brinquedo, um jogo. E que ele rebate a um discurso difundido, falso e injusto, que condena Helena como adúltera. Também em Eurípides vemos um jogo antilógico. Se nas *Troianas* Menelau e Hécuba não deixam Helena desculpar sua parte de inteligência (*noûs*) pela evocação de todo seu fatídico, em *Helena*, Eurípides faz com que Helena nem vá a Troia, num stratagem de Hera, que envia uma imagem em seu lugar, de modo que ela permanece completamente inocente de adultério.

PALAVRAS-CHAVE: trágico; sofística; Helena; Górgias; Eurípides.

ABSTRACT: From the observation of the Helen character in Gorgias (*Encomium of Helen*) and Euripides (*Helen, The Trojan Women*) we can return to the category of " tragic " and think of it in the frame of sophistry, the last figure of the Pre-Socratic thought. Gorgias confess to the reader that his encomium is a *paígnion*, a toy, a game. And so it retorts a widespread, false and unjust speech, condemning Helen as an adulteress. Also in Euripides we see an antilogic game. If in the *The Trojan Women* Menelaus and Hecuba don't allow Helen excuse her share of responsibility (*noûs*) by evoking her Fate, in *Helen* the eponymous protagonist doesn't even go to Troy – Hera sends an image instead – so she remains completely innocent of adultery.

KEYWORDS: tragic; sophistry; Helen; Gorgias; Euripides.

---

O *Elogio de Helena* de Górgias pode ser lido em diferentes níveis, e convém distingui-los bem. Dois níveis se destacam de modo evidente. O texto é um exemplo particular de performance retórica – o roteiro de uma *epideixis* – sobre um tema particular, e ao mesmo tempo um pequeno « tratado » filosófico que propõe indiretamente a retórica como categoria universal para pensar o ser da linguagem em sua relação com o ser dos acontecimentos. A retórica é aqui ao mesmo tempo assunto e método.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

Para começar a interpretar esse texto, talvez convenha ler o que o autor ele mesmo diz no trecho metadiscursivo das últimas linhas. Com a última palavra, Górgias define o todo do texto como um *paígnion*, um ‘brinquedo’, um “jogo”.

Diz o § 21 (traduções próprias):

“Afastei pelo discurso a ingloria da mulher, e permaneci na regra que estabeleci no princípio do discurso: tentei destruir a injustiça da censura e a ignorância da opinião; quis escrever o discurso, por um lado, como um elogio de Helena, por outro lado, como um jogo meu”.

ἀφεῖλον τῷ λόγῳ δύσκειαν γυναικός, ἐνέμεινα τῷ νόμῳ ὄν ἐθέμην ἐν ἀρχῇ τοῦ λόγου· ἐπειράθην καταλῦσαι μώμου ἀδικίαν καὶ δόξης ἀμαθίαν, ἐβουλήθην γράψαι τὸν λόγον Ἑλένης μὲν ἐγκώμιον, ἐμὸν δὲ παίγνιον.

O caráter lúdico assim assumido nos obriga a perguntar diante de cada afirmação se ela vale por seu conteúdo aparente ou se implica algum jogo mais sutil com o sentido. Górgias brinca ou fala sério?

Também o teatro de Eurípides costuma ensejar um debate sobre a fronteira entre o sério e o riso, e o caso mais exemplar é o da tragédia *Helena*. É possível até pensar que a peça toda não seja senão uma comédia. Ou, pelo menos, que ela esteja mais ou menos carregada de elementos cômicos<sup>1</sup>.

De qualquer modo, quer gostemos ou não da impureza desse hibridismo, é a questão mesma da fronteira que vem à baila, a exigir uma interpretação.

Ora, se o caráter crítico inerente ao riso confere-lhe uma seriedade evidente, e se o patético de todo sério acaba sempre por aligeirar-se no riso, então “tragicomédia” talvez não seja apenas uma noção compósita forjada *a posteriori* para enquadrar o teatro grego em geral e o de Eurípides em particular<sup>2</sup>, mas uma noção primária, ligada ao espírito da época das Helenas de Górgias e Eurípides, capaz de ensejar uma reflexão filosófica própria. Aliás, conhecemos graças à *Retórica* de Aristóteles<sup>3</sup> uma máxima bem reveladora das estratégias do Orador de Leontini: “Górgias dizia – e corretamente – que é preciso destruir a seriedade dos adversários pelo riso, e o riso, pela seriedade” (Δεῖν ἔφη Γοργίας τὴν μὲν σπουδὴν διαφθεῖρειν τῶν ἐναντίων γέλῳτι, τὸν δὲ γέλῳτα σπουδῆτι, ὀρθῶς λέγων).

<sup>1</sup> Cf. Grégoire (2002, p. 38), Grube (1941, p. 333), Kitto (1950, p. 313), Pippin (1960, p. 155). Saetta-Cottone (2011, p. 140)

<sup>2</sup> Cf. B. Seidensticker, *Comic Elements in Euripides' Bacchae*, *AJPh*, XCIX 303-20, 1978, e *Palintonos Harmonia*, Göttingen, 1982.

<sup>3</sup> III 18, 1419b3; B12 Diels-Kranz [DK] e Untersteiner [U].

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

No *Elogio de Helena*, a única afirmação que se dirige diretamente ao leitor, sem obrigar a uma desconstrução ulterior, é precisamente essa que confessa que o texto é um jogo. Nas outras afirmações, Górgias, em plena coerência performativa, joga já.

Antes de mais nada, é preciso ler o *Elogio de Helena* não como uma peça isolada, monádica, mas nos quadros da antilógica característica do movimento sofístico. É preciso considerar que ele retruca a um discurso subentendido, da mesma maneira que o *Tratado do não-ser* deve ser compreendido como uma resposta ao *Poema* de Parmênides. Os dois textos são como *sýmbola*: é preciso acrescentar a outra metade para que o sentido apareça.

No caso do *Elogio de Helena*, o discurso subentendido é certo senso comum, que condena Helena (§ 2, 1-4):

É próprio do mesmo homem dizer corretamente o que é preciso dizer, e também refutar os que censuram Helena, **mulher em torno da qual tornou-se uníssona e unânime** tanto a crença dos poetas auditores quanto a fama de seu nome, que se tornou memória de infortúnios.

τοῦ δ' αὐτοῦ ἀνδρὸς λέξαι τε τὸ δέον ὀρθῶς καὶ ἐλέγξαι \*\*\* τοὺς μεμφομένους Ἑλένην, **γυναῖκα περὶ ἧς ὁμόφωνος καὶ ὁμόψυχος γέγονεν** ἢ τε τῶν ποιητῶν ἀκουσάντων πίστις ἢ τε τοῦ ὀνόματος φήμη, ὃ τῶν συμφορῶν μνήμη γέγονεν.

Já na *Helena* de Eurípides (v. 81), diz Teucro: “toda a Grécia odeia a filha de Zeus” (*miseî gâr Hellàs pâsa tèn Diòs kóren*). E isso, ou é falso ou é, no máximo, uma meia-verdade, simples sintoma de uma psicologia mais profunda a ser desconstruída. Ninguém faz uma guerra de dez anos por alguém que não é amado. Górgias e Eurípides, guardando com seu auditório uma *homónoia* básica em torno da moral tradicional da fidelidade, jogam para restituir a verdade ou ao menos a outra meia-verdade que faltava: toda Grécia ama Helena.

A verdade não é apenas que Helena seja inocente, mas que o discurso é capaz de mostrar que ela é inocente, apesar da afirmação contrária, alardeada aos quatro cantos da Grécia. Evidentemente, não se trata de uma fabricação languageira sem relação com a realidade (ou verdade) “objetiva”. No final das contas, tudo isso só é possível porque Helena, como metonímia de toda a humanidade, é ao mesmo tempo inocente e culpada.

Vê-se que Górgias apela frequentemente à “verdade” como valor e critério, entendendo verdade da maneira mais tradicional, como o conforme aos fatos, como isso que é. Ele começa seu discurso de modo triunfante, dizendo (§ 1):

Ornamento, para a cidade: coragem; para o corpo: beleza; para a alma: sabedoria; para a ação: virtude; **para o discurso: verdade**. Os contrários dessas coisas: falta de ornamento. Homem, mulher, discurso, obra, cidade, ação, deve-se honrar com elogio o que for digno de elogio, e depor uma

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

censura aos indignos. Com efeito, é um erro igual e uma ignorância censurar as coisas elogiáveis e elogiar as censuráveis.

Κόσμος πόλει μὲν εὐανδρία, σώματι δὲ κάλλος, ψυχῇ δὲ σοφία, πράγματι δὲ ἀρετή, **λόγῳ δὲ ἀλήθεια**: τὰ δὲ ἐναντία τούτων ἀκοσμία. ἄνδρα δὲ καὶ γυναῖκα καὶ λόγον καὶ ἔργον καὶ πόλιν καὶ πρᾶγμα χρῆ τὸ μὲν ἄξιον ἐπαίνου ἐπαίνοι τιμᾶν, τῷ δὲ ἀναξίῳ μῶμον ἐπιτιθέναι· ἴση γὰρ ἀμαρτία καὶ ἀμαθία μέμφεσθαι τε τὰ ἐπαινετὰ καὶ ἐπαινεῖν τὰ μωμητά.

A verdade é o ornamento (*kósmos*) do discurso. Algumas linhas adiante, ele volta à questão do verdadeiro, quando ele explica ao leitor/ouvinte o caráter antilógico (contradiscursivo) de sua intenção (§ 2, 4-6):

“Eu quero, dando um argumento, fazer cessar, por palavras, o que se escuta erroneamente da culpa dela, demonstrando que os que a censuram o fazem falsamente. E quero, mostrando o **verdadeiro**, fazer cessar a ignorância”.

ἐγὼ δὲ βούλομαι λογισμὸν τινα τῷ λόγῳ δοῦς τὴν μὲν κακῶς ἀκούουσαν παῦσαι τῆς αἰτίας, τοὺς δὲ μεμφομένους ψευδομένους ἐπιδείξας καὶ δείξας **τᾶληθές** [ἦ] παῦσαι τῆς ἀμαθίας.

Nessas passagens Górgias faz concessões ao senso comum para obter a simpatia de seu auditório, ao invés de expor doutrinas próprias. Problemática não é a dignidade dos valores proclamados, dentre os quais o verdadeiro, nem tampouco a definição do verdadeiro como a qualidade da opinião ou do discurso conforme aos fatos. Górgias concorda com tudo isso. Problemática é a relação, a cada vez, entre a opinião ou o discurso e os fatos.

Geralmente se pensa, a partir da lição do *Tratado do não-ser*, que Górgias negue toda relação desse tipo, uma vez que “nada é, se fosse, seria incognoscível, se fosse cognoscível, seria incomunicável”.

O que Górgias de fato faz no *Tratado do não-ser* é uma réplica a Parmênides, seu corolário antilógico. Ele não refuta Parmênides. Com efeito, do fato de que algumas coisas que pensamos – quimeras e carros correndo sobre o mar – não existem não se segue que nada que exista possa ser pensado (§ 78, 72: *ei tà phronoúmena ouk éstin ónta, tò ón ou phroneítai* “se as coisas pensadas não são existentes, o existente não é pensado”), mas se segue certamente que a relação entre a existência e o pensamento não está garantida por antecipação, pois não há identidade perfeita entre essas duas dimensões, que restam irreduzíveis uma à outra. A firmeza com que Górgias no *Elogio de Helena* afirma que seus adversários mentem, enquanto ele diz a verdade, pertence antes ao seu jogo de cena, como uma hipocrisia de ator. Ele mascara momentaneamente o caráter problemático da relação do pensamento e do discurso com as coisas (problemático: nem evidente, nem impossível) para

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

enfraquecer a firmeza dos adversários e recuperar assim, ao final, esse mesmo caráter problemático.

No *Elogio de Helena*, Górgias critica a fraqueza da opinião em diálogo com a oposição parmenidiana entre *dóxa* e *alétheia*. A incerteza, a inconstância, a ignorância, pelas quais ele caracteriza a opinião, poderiam sugerir a existência de um conhecimento seguro como critério bom. E, no entanto, o que se vê é o reconhecimento reiterado do limite “doxástico” nos assuntos humanos, o que no final das contas nos obriga a inocentar Helena. Górgias apresenta explicitamente a razão desse limite (§ 11):

“Com efeito, se todos tivéssemos acerca de tudo memória (*mnémēn*) dos eventos passados, inteligência (*énnoian*) dos presentes, e presciência (*prónoian*) dos futuros, o discurso (*ho lógos*), embora sendo de modo semelhante, não iludiria (*epáta*) da mesma maneira. Mas não é de fácil acesso (*eupóros ekhei*), nem ter memória (*mnēsthēnai*) do passado, nem examinar com rigor (*sképsasthai*) o presente, nem predizer (*manteusásthai*) o futuro. De modo que, na maior parte dos casos, a maioria fornece à alma a opinião como conselheira (*sýmbolon*). E a opinião (*hē dóxa*), sendo movediça e incerta (*sphalerà kai abébaios*), lança os que se utilizam dela em êxitos movediços e incertos”.

εἰ μὲν γὰρ πάντες περὶ πάντων εἶχον τῶν <τε> παροιχομένων μνήμην τῶν τε παρόντων <έννοϊαν> τῶν τε μελλόντων πρόνοιαν, οὐκ ἂν ὁμοίως ὁμοῖος ἦν ὁ λόγος ἡπάτα, οἷς τὰ νῦν γε οὔτε μνησθῆναι τὸ παροιχόμενον οὔτε σκέψασθαι τὸ παρὸν οὔτε μαντεύσασθαι τὸ μέλλον εὐπόρως ἔχει ὥστε περὶ τῶν πλείστων οἱ πλεῖστοι τὴν δόξαν σύμβουλον τῆι ψυχῆι παρέχονται. ἡ δὲ δόξα σφαλερὰ καὶ ἀβέβαιος οὔσα σφαλεραῖς καὶ ἀβεβαίαις εὐτυχίαις περιβάλλει τοὺς αὐτῆι χρωμένους.

Posição radical pela finitude: não é nem mesmo possível *sképsasthai tò parón* (examinar o presente em todo seu *skópos*), tendo já dado adeus, obviamente, aos não-entes do passado e do futuro.

A aparência do ente presente é sempre parcial. A face da coisa que aparece forçosamente esconde as outras faces, que ficam para trás. É no contexto de um tal perspectivismo que a opinião, como categoria gnosiológica, encontra seu fundamento na aparência, como categoria ontológica. No domínio parmenidiano da *alétheia*, não há senão um só e mesmo discurso. Mas para aqueles que estão excluídos desse domínio, e segundo Górgias estes são todos os homens, não resta senão aceitar os discursos duplos e opostos.

É provavelmente por causa desse limite “doxástico” que Górgias não trata da linguagem a partir de sua função apofântica, como um duplo representativo das coisas, mas antes por sua função psicagógica, como um *phármakon* persuasivo, capaz, segundo o *métron* e o *kairós*, de curar ou matar. Na economia do argumento ordinário que condena o adultério

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

obviamente convém pôr em relevo o lado malsão da eloquência, a fim de deslocar a carga de culpabilidade que pesa sobre Helena para as costas de Páris, o responsável pela *peithó*. (§ 14):

“A mesma racionalidade tem tanto a potência do discurso relativamente ao ordenamento da alma, quanto o ordenamento dos fármacos relativamente à natureza dos corpos. Assim como alguns fármacos expulsam do corpo certos humores, e uns fazem cessar a doença, outros, a vida, assim também dos discursos uns afligem, uns encantam, uns amedrontam, uns estabelecem confiança nos ouvintes, uns, por uma má persuasão, entorpecem e enfeitiçam a alma”.

τὸν αὐτὸν δὲ λόγον ἔχει ἢ τε τοῦ λόγου δύναμις πρὸς τὴν τῆς ψυχῆς τάξιν ἢ τε τῶν φαρμάκων τάξις πρὸς τὴν τῶν σωμάτων φύσιν. ὥσπερ γὰρ τῶν φαρμάκων ἄλλους ἄλλα χυμοὺς ἐκ τοῦ σώματος ἐξάγει, καὶ τὰ μὲν νόσου τὰ δὲ βίου παύει, οὕτω καὶ τῶν λόγων οἱ μὲν ἐλύπησαν, οἱ δὲ ἔτερψαν, οἱ δὲ ἐφόβησαν, οἱ δὲ εἰς θάρσος κατέστησαν τοὺς ἀκούοντας, οἱ δὲ πειθοῖ τιμι κακῆι τὴν ψυχὴν ἐφαρμάκευσαν καὶ ἐξεγοήτευσαν.

E, no entanto, não é necessária uma hermenêutica muito refinada para perceber que o *Elogio de Helena* é antes de tudo um elogio do *lógos*. A frase mais célebre do texto: “o discurso é um grande senhor” (§ 8, 51: *lógos dynástes mégas estín*) é acompanhada de uma caracterização muito positiva: “por um corpo minúsculo e invisível, ele (o *lógos*) realiza os atos mais divinos”. Note-se que na lista de qualidades do *lógos* que segue não há nenhum item relativo a uma função simplesmente denotativa, a um simples falar **de** alguma coisa. O *lógos* é aí descrito sobretudo como um falar **a**. Falar ao auditório, às almas instaladas no auditório. E sua finalidade é constituir o quadro afetivo em cujo interior tudo pode aparecer. “Ele (o *lógos*) é capaz, com efeito, de cessar o medo, de afastar a dor, de despertar a alegria, de aumentar a piedade” (§ 8, 4-9):

Se foi o discurso que persuadiu sua alma e a enganou, não é difícil, quanto a isso, defendê-la e absolvê-la da culpa, do seguinte modo: o discurso é um grande senhor, que com um corpo minúsculo e invisível realiza os atos mais divinos. Ele é capaz de cessar o medo, de afastar a dor, de despertar a alegria, de aumentar a piedade. Que essas coisas são assim, mostrarei.

εἰ δὲ λόγος ὁ πείσας καὶ τὴν ψυχὴν ἀπατήσας, οὐδὲ πρὸς τοῦτο χαλεπὸν ἀπολογήσασθαι καὶ τὴν αἰτίαν ἀπολύσασθαι ὧδε. λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν, ὃς σμικροτάτῳ σώματι καὶ ἀφανεστάτῳ θειότατα ἔργα ἀποτελεῖ· δύναται γὰρ καὶ φόβον παῦσαι καὶ λύπην ἀφελεῖν καὶ χαρὰν ἐνεργάσασθαι καὶ ἔλεον ἐπαυξῆσαι. ταῦτα δὲ ὡς οὕτως ἔχει δεῖξω·

A farmácia sofisticada, em Górgias, Protágoras, Antifonte, ensina que não é o caso de passar de uma representação falsa a uma mais verdadeira, mas de uma ruim a uma melhor. O medo é tão real quanto a coragem, quiçá mais, mas esse último é um sentimento preferível,

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

então convém tornar o discurso forte (“é natural e justificado fugir do perigo”) mais fraco (“que opróbrio será a fuga, ó covarde, o que vossos nobres antepassados pensariam disso?”).

É notável que Górgias não restrinja o poder psicagógico da linguagem ao campo da poesia, este *lógos* com *métron*, como ele diz, desde sempre produtor de valores porque produtor de ficções exemplares, nem ao campo das encantações inspiradas pelos deuses. Górgias estende esse poder a domínios de saber que parecem mais objetivos: a meteorologia, o direito e a filosofia. De fato, disso que está *metà tòn aéra*, “além do ar”, não há controle epistêmico, senão fraca visão de longe; cabe ao *lógos* a tarefa de levar, por verossimilhança, as coisas distantes para diante dos olhos da imaginação. Dos litígios nos tribunais imagina-se que apenas uma versão é a verdadeira no jogo antilógico da acusação e da defesa, mas como decidir, se mesmo um registro das imagens do crime deve ainda ser interpretado pelo *lógos*? E sobre os assuntos da filosofia? Há porventura mais controle epistêmico que sobre os *metéora*?

§ 13 :

“Que a persuasão aliada ao discurso moldou a alma como quis é preciso aprender primeiro com os discursos dos meteorologistas, os quais, substituindo opinião por opinião e engendrando outras, fazem aparecer coisas incríveis e invisíveis aos olhos da opinião. Em segundo lugar, com as disputas judiciárias, que exercem seu constrangimento através dos discursos, nas quais um único discurso encanta e persuade numerosa multidão, desde que composto com arte, mesmo que não diga a verdade. Em terceiro lugar, com os combates dos discursos dos filósofos, nos quais revela-se a rapidez do pensamento, que torna mutável a crença da opinião”.

ὅτι δ' ἡ πειθὴ προσιούσα τῷ λόγῳ καὶ τὴν ψυχὴν ἐτυπώσατο ὅπως ἐβούλετο, χρὴ μαθεῖν πρῶτον μὲν τοὺς τῶν μετεωρολόγων λόγους, οἵτινες δόξαν ἀντὶ δόξης τὴν μὲν ἀφελόμενοι τὴν δ' ἐνεργασάμενοι τὰ ἄπιστα καὶ ἄδηλα φαίνεσθαι τοῖς τῆς δόξης ὄμμασιν ἐποίησαν· δεύτερον δὲ τοὺς ἀναγκαίους διὰ λόγων ἀγῶνας, ἐν οἷς εἷς λόγος πολὺν ὄχλον ἔτερψε καὶ ἔπεισε τέχνη γραφεῖς, οὐκ ἀληθεῖαι λεχθεῖς· τρίτον <δὲ> φιλοσόφων λόγων ἀμίλλας, ἐν αἷς δείκνυται καὶ γνώμης τάχος ὡς εὐμετάβολον ποιοῦν τὴν τῆς δόξης πίστιν.

Caso se estenda o caráter “poético”, isto é “produtivo”, da poesia em sentido estrito a quase toda forma de linguagem, como faz Górgias, compreende-se a afirmação paradoxal que Plutarco<sup>4</sup> atribui a Górgias, segundo a qual “o iludido é mais sábio que o não iludido” (ὁ ἀπατηθεὶς σοφώτερος τοῦ μὴ ἀπατηθέντος). Aquele que espera uma prova fora do discurso para validá-lo é um mau espectador do teatro da existência. A outra metade do paradoxo gorgiano, segundo a qual “o que ilude é mais justo que o que não ilude” (ὁ τ' ἀπατήσας δικαιότερος τοῦ μὴ ἀπατήσαντος) se explica muito bem pelo que ele diz no fim do *Elogio de*

<sup>4</sup> *A Glória dos Atenienses* V, 348c, B23 DK e U.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

*Helena* (§ 21): “permaneci na regra que estabeleci no princípio do discurso” (*enémeina tōi nómoi hōn ethémēn en arkhēi tou lógou*). Ele prometera absolver Helena, ele a absolveu, daí a justiça. Essa interpretação implica que a performance retórica que é o conjunto do *Elogio de Helena* não é senão uma ilusão, o que, segundo o argumento acima, é uma virtude e não um defeito.

Notemos que Plutarco menciona a sentença de Górgias quando ele caracteriza a tragédia como uma boa ilusão, capaz de encantar os olhos e os ouvidos dos homens. Na *Helena* de Eurípides, Menelau pronuncia uma frase muito interessante, que implica a seguinte questão: qual das duas Helenas é “verdadeira”, a Helena-corpo que permaneceu no Egito, ou a Helena-nome, levada para Troia? Diz o rei de Esparta à sua mulher (v. 593): “a grandeza de meus esforços lá me persuade, não tu” (*Toukei me mégethos tōn pónon peíthei, sý d’ouí*). Ainda que a causa da guerra não seja senão um fantasma, a guerra ela mesma é bem real e, em todo caso, maior e mais digna de ser cantada pelos poetas do que uma simples espera inativa.

As questões relativas à linguagem estão no centro do comentário de Górgias, e a justo título. Vale, porém evocar outra questão correlativa, presente no *Elogio de Helena*, que não parece menos importante. O tema da culpabilidade (ou da inocência) de um indivíduo numa situação específica implica uma questão filosófica maior, jamais fácil de tratar, a do estatuto da vontade, da autonomia (ou não) da subjetividade, do livre-arbítrio. E essa questão não se limita ao domínio da ética, em que *aitía/aition* se liga à ideia de responsabilidade, ou ao domínio do Direito, em que se liga à ideia de culpa, mas ela se estende ao domínio da metafísica, em que *aitía/aition* significa a causa de uma coisa, que a faz ser o que é. Além disso, o quase sinônimo de *aitía/aition*, que é *arkhē*, princípio, nome de ouro de toda a filosofia e que lhe confere certa unidade, a despeito de sua gigantesca polifonia, implica outra questão muito importante no domínio da tragédia, a da *arkhē kakōn*, a origem dos infortúnios que constituem a matéria do canto trágico.

Se antes foi dito que o *Elogio de Helena* é acima de tudo um elogio do *lógos*, diga-se agora que ele é acima de tudo elogio do patético, não como categoria literária, mas filosoficamente compreendido como a tese ontológica segundo a qual “ser algo” significa “sofrer, padecer algo”. Evidentemente, se há algo que padece, há também algo que age, mas esse último, nos quadros de tal ontologia, deve resultar de um padecimento anterior. E não há um ente primeiro que fosse um puro agente, um movente não movido, a partir do qual começaria a série de causas e efeitos.



Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

Notemos que no cardápio das quatro possibilidades que Górgias nos oferece de antemão para justificar a viagem de Helena a Troia, três são expressas na voz passiva e uma, pelo sentido, torna-se passiva na tradução em português (§ 5-6):

(...) vou expor as **causas**, pelas quais é verossímil que tenha acontecido a expedição de Helena para Troia. (6) Pois ela fez o que fez ou pelos desígnios da Fortuna, pelas deliberações dos deuses e pelos decretos da Necessidade, ou **capturada** pela violência, ou **persuadida** pelos discursos, ou **tomada** pelo amor.

(...) και προθήσομαι τὰς **αἰτίας**, δι' ἃς εἰκὸς ἦν γενέσθαι τὸν τῆς Ἑλένης εἰς τὴν Τροίαν στόλον. (6) ἢ γὰρ Τύχης βουλήμασι καὶ θεῶν βουλευμάσι καὶ Ἀνάγκης ψηφίσμασιν ἔπραξεν ἃ ἔπραξεν, ἢ βίαι **ἀρπασθεῖσα**, ἢ λόγοις **πεισθεῖσα**, <ἢ ἔρωτι **ἀλοῦσα**>.

No final do texto (§ 20), quando Górgias apresenta de novo a lista, os quatro participios atribuídos a Helena estão já na voz passiva:

Como afinal achar justa a censura a Helena, se o fato de ela ter feito o que fez ou **enamorada**, ou **persuadida** por discursos, ou **capturada** pela violência, ou **forçada** pela necessidade divina, exclui-lhe totalmente a culpa?

πῶς οὖν χρηὶ δίκαιον ἡγήσασθαι τὸν τῆς Ἑλένης μῶμον, ἥτις εἴτ' **ἐρασθεῖσα** εἴτε λόγοι **πεισθεῖσα** εἴτε βίαι **ἀρπασθεῖσα** εἴτε ὑπὸ θείας ἀνάγκης **ἀναγκασθεῖσα** ἔπραξεν ἃ ἔπραξε, πάντως διαφεύγει τὴν αἰτίαν;

Além da sintaxe, o texto é rico no léxico da passividade. Em contrapartida, a sintaxe e o léxico da atividade, menos frequente, aparece sempre na forma negativa e afastadas de Helena: as expressões *gnómes bouleúmasin* (por deliberações do pensamento) e *tékhnes paraskeuáis* (por armações da arte) (final do § 19) não são acrescentadas à lista das quatro razões possíveis da partida de Helena para Troia e são mencionadas somente no fim, na sequência de um firme e claro *ou* (“não”); ou bem nomes como *boulémasi* (desígnios), *bouleúmasi* (deliberações) são atribuídos à Fortuna e aos deuses (§6).

Alguém poderia obstar, e não sem razão, que se trata de um argumento capcioso, que não demonstra nada, pois Górgias pretende encontrar uma resposta nos limites de uma lista que ele mesmo preparou de antemão, e na qual não inseriu os itens que não lhe interessavam. Por que ele não inseriu na lista inicial os dois itens que ele nega no final do texto? Mas isso pertence ao *paígnion* de Górgias. O sério que ele contém é a ontologia da prioridade do passivo, uma sorte de existencialismo trágico: nós não possuímos nossa existência como um sujeito possui um objeto, mas antes é a existência que nos possui. O primeiro ato de existência de um ente qualquer, seu nascimento, é já alguma coisa que não se conjuga na voz ativa:

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

*phýomai, gígnomai*. E como desde então o tempo não cessou de transcorrer, nenhum ente consegue jamais tomar o timão do destino nas suas mãos.

Isso não quer dizer que os agentes não têm responsabilidade pelo que fazem – eles certamente têm – mas eles não a têm de uma maneira absoluta, como se eles fossem a causa, ou a única causa, ou mesmo a principal causa. Eles a têm como um pequeno fio numa trama que se estende para além de suas escolhas conscientes, as quais devem, certamente, ser objeto de um julgamento moral, mas também de compaixão. O aspecto mais admirável da experiência trágica, que marca toda a espiritualidade pré-socrática – a sofisticada de Górgias inclusive – da qual a tragédia, enquanto gênero artístico, é apenas o exemplo maior, é que a autonomia individual que começa a se impor é ainda percebida no contexto de uma dimensão sagrada, que transcende a individualidade. Como observa Louis Gernet<sup>5</sup>, em Ésquilo vemos a *hýbris* individual aparecer como a causa principal dos infortúnios, contra a ideia de uma fatalidade *tout court*. Suzanne Saïd<sup>6</sup>, por seu turno, sublinha a ruptura entre a falta e o infortúnio, entre o que emana do indivíduo e o que ele padece como consequência.

Esse equilíbrio tenso entre autonomia e heteronomia, constata-se caso se confronte duas tragédias de Eurípides, *Helena* e *As troianas*, que formam um par antilógico defesa-acusação semelhante ao par formado pelo *Elogio* de Górgias e o senso comum que ele combate. Os títulos das duas peças revelam já as diferentes perspectivas a partir das quais se podem contar os acontecimentos em Troia. A narrativa que focaliza esses acontecimentos em torno do nome de Helena não poderia ser evidentemente a mesma que gira em torno dos nomes das troianas. Quando nas *Troianas* Helena tenta se desculpar acusando as maquinações de Afrodite, Hécuba indica bem precisamente qual é o princípio ativo escondido sob o nome alegórico da deusa: o *noûs* de Helena. Em dois versos que parecem replicar ao último argumento de Górgias, segundo o qual o amor é uma força irresistível que se *padece* pelos olhos de modo semelhante ao charme provocado pelas artes visuais, a rainha troiana replica (v. 987-8): “Meu filho era dotado de beleza excelsa, e ao vê-lo tua inteligência fez-se de Cípris”. (*Ἐν houmòs uiós kállos ekprepéstatos, ho sòs d'idón nin noûs epoiéthe Kýpris*).

Doravante o vocabulário da intencionalidade, que Górgias utiliza tão pouco no seu *Elogio*, está autorizado, como a condenação moral que o acompanha. Nos versos 1008-9, Hécuba opõe a *týkhe* à *areté*, como se fosse possível resistir à primeira: “Mirando a fortuna,

<sup>5</sup> *Recherches sur le développement de la pensée juridique et morale em Grèce*, Paris, Leroux, 1917.

<sup>6</sup> *La faute tragique*, Paris, Maspero, 1978.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

assim te exercitavas, e haverias de segui-la, à virtude não querias seguir”. (*Es tèn týkhen d’orôsa toût’éskeis, hópos/ hépoi’ hám’ autêi, têi aretêi d’ouk étheles*).

E no verso 1037-9, Menelau utiliza o advérbio *hekousíōs* para desmascarar o jogo de cena de Helena: “Voluntariamente esta aqui deixou meu palácio rumo ao leito de um estrangeiro; o nome de Cípris é só um grunhido que ela emite com suas palavras”. (*Hekousíōs tēnd’ ek dómon eltheîn emôn/ xénas es eunás ; Khē Kýpris kómpou khárin/ lógous eneítai*).

O trágico não seria trágico se os liames entre causas e efeitos não comportassem uma boa dose de liberdade. O determinismo da *Moira* não é o de um simples mecanicismo, embora tampouco haja liberdade em sentido rigoroso, dada a limitação da racionalidade em discernir cada fio na trama cosida da causalidade. E nessa trama se confundem os grandes e os pequenos fios.

Qual é no final das contas a causa dos infortúnios de Helena e de todos os que participaram de um modo ou de outro da guerra de Troia? A beleza de Helena? Mas ela a recebeu como um dom, sem tê-la escolhido. Em vão na *Helena* de Eurípides ela lamenta o seu *dystykhéstaton kállos* (beleza funesta) (v. 236-7) e deseja ter um *eídos* mais feio (v. 263 : *aískhion eídos antì tou kaloû*). Apesar de tudo, ela sabe que os infortúnios dos gregos acontecem “de um lado, por causa de Hera, de outro lado, por causa de sua beleza” (v. 261 : *tà mèn di’Héran, tà dè tò kállos áition*). Sua beleza é uma das *aitiai*, mas isso não significa que ela seja a única culpada ou mesmo a principal culpada. Se o plano de Hera é a causa, qual é a causa dessa causa? A inveja da vitória de Afrodite no concurso de beleza, ou o ódio da esposa legítima diante de qualquer adultério? Ou bem ambos, cada um de seu lado?

E os *bouleúmata* (deliberações) de Zeus, de acréscimo? Quais são as causas dessa causa? O desejo de trazer honra para Aquiles, ou de aliviar a mãe terra de uma multidão excessivamente numerosa de mortais? (v. 36-41) Num sistema como o da mitologia grega, era de se esperar que a deliberação (*bouleúesthai*) de Zeus, mas também sua vontade (*boúlesthai*), fosse uma fonte de causalidade forte o suficiente para proporcionar unidade à pluralidade quase infinita das múltiplas pequenas causas. Mas, ainda que ela seja mais forte que todo o resto, ela não é absoluta, e sempre se retorna à pluralidade. A partir de uma figura literária comum na tragédia, pode-se propor filosoficamente que mesmo o machado, que abateu o pinheiro, de cuja madeira veio a ser o barco, que transportou o sequestrador da causa da guerra é uma causa da guerra.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

Tanto o pinheiro, quanto o carpinteiro que tomou o pinheiro em suas mãos. No párodos da Helena de Eurípides, vê-se a protagonista se lamentar diante de toda uma funesta série causal (v. 229-238):

Quem, dos Frígios/ ou da terra helênica/ abateu este pinheiro vertedor de lágrimas a Ílion? É daí que o Priamida, tendo aprestado ruinoso barco, / zarçou com bárbaro remo/ rumo a minha morada/ rumo à mais desafortunada/ beleza, a fim de me ter em casamento.  
*tís è Phrygôn/ è tís Hellanías apò khthonòs/ étheme tàn dakruóessan/ Illoĩ peúkan ?/ énthēn olómenon skáphos/ synarmósas ho Priamídas/ épleuse barbároi plátai/ tàn emàn eph' hestían,/ epì tò distykhéstaton/ kállos hos héloi, gámon/ amôn ;*

Nas *Troianas*, no seu discurso de defesa, Helena incrimina, primeiro, Hécuba, como a causa da causa do rapto, depois, Príamo, que não interrompeu a série causal que se desenvolveu a partir de então (v. 919-21): “Primeiro, esta aqui gerou a causa dos males, gerando Páris; em segundo lugar, quem arruinou Troia foi o velho Príamo, ao não abortar o feto” (πρῶτον μὲν ἀρχὰς ἔτεκεν ἧδε τῶν κακῶν, Πάριον τεκοῦσα: δεύτερον δ' ἀπόλεσε Τροίαν τε κάμ' ὁ πρέσβυς οὐ κτανῶν βρέφος).

Eis a sintaxe do trágico: se X não acontecesse, Y não aconteceria, mas X aconteceu: *aiai aiai, iò ió, pheú pheú!* X é uma pequena coisa, uma grande coisa, uma pessoa, um lugar, um sentimento, um deus, a vontade do maior dos deuses. A soma de tudo isso, do ponto de vista de cada indivíduo, chama-se *moira*, do ponto de vista do todo, chama-se *týkhe*. Ela não é da ordem de uma *prónoia* (providência, presciência), mas antes de uma necessidade cega e inexorável (*anágke*), embora todas as *prónoiai* já estejam aí subsumidas. É nesse sentido que se diz que, de um lado, a *prónoia* do *noûs* de Helena, como de todo outro indivíduo, existe, e, de outro lado, que ela não existe. É por isso que se diz que ela, como todo outro indivíduo, é culpada, mas também que ela não é. Não ver isso é estar cego como Estesícoro antes da palinódia. A inocência originária provém do fato de que ninguém escolheu nada daquilo que constitui sua personalidade, nem seu corpo, nem sua alma, nem seus pais, nem sua época, nem sua pátria, nem sua língua, nem mesmo seu nome. A culpabilidade originária, em contrapartida, provém da impossibilidade de transmitir a outrem a tarefa de encenar seu papel no teatro trágico da existência (ou tragicômico, para estar mais perto de Górgias e Eurípides) e, sem tê-lo escolhido, de ter de escolhê-lo assim mesmo.

Ribeiro, Luís Felipe Bellintani  
*Górgias e Eurípides, em torno de Helena e do Trágico*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTOTELIS. *Ars Rhetorica. Recognovit brevique adnotatione critica instruit*: W. D. Ross. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1982.
- DIELS-KRANZ. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Zürich: Weidemannsche Verlagsbuchhandlung, 2004. 3 v.
- EURIPIDE. *Hélène*. Texte établi et traduit par Henri Grégoire. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Les Troyennes*. Texte établi et traduit par Henri Grégoire et Léon Parmentier. Paris: Les Belles Lettres, 1925.
- GERNET, L. *Recherches sur le développement de la pensée juridique et morale en Grèce*, Paris: Leroux, 1917.
- GRUBE, G. M. A. *The Drama of Euripides*. London: Methuen, 1941.
- KITTO, H. D. F. *Greek Tragedy: A Literary Study*. London: Methuen, 1950.
- PIPPIN, A. N. *Euripides' Helen: A Comedy of Ideas*. In: *Classical Philology*, v. 55, n. 3, p. 151-163, 1960.
- SAETTA-COTTONE, R. *Ritmo, Parola, Immagine. Il teatro classico e la sua tradizione*. In: *La Biblioteca de Dionysus ex machina*. A cura di Angela Maria Andrisano, 2011.
- SAÏD, S. *La faute tragique*. Paris: Maspero, 1978.
- SEIDENSTICKER, B. *Comic Elements in Euripides' Bacchae*, In: *AJPh*, XCIX 303-20, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Palintonos Harmonia*, Göttingen, 1982.
- UNTERSTEINER, M. *Sofisti, testimonianze e frammenti*. Firenze: La Nuova Italia, 1949-1962.